

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
BORIS LEHMAN – REALIZADOR CONVIDADO
19 de dezembro de 2023

**HISTOIRE DE MA VIE RACONTÉE PAR MES PHOTOGRAPHIES / 1994-
2001**

Um filme de Boris Lehman

Realização e Argumento: Boris Lehman / *Montagem:* Daniel de Valck, Ariane Mellet / *Imagem:* Antoine-Marie Meert, Jean-Marc Vervoort / *Som:* Henri Morelle, Irvic d'Olivier, Bernard Declercq, Gilles Lechantre, Jean-Michel Masquelier / *Música:* Charlemagne Palestine / *Guarda-roupa e Efeitos Especiais:* Laurent d'Ursel, Yaël André / *Assistência à Realização:* Anne Grèzes / *Produção:* Dovfilm (mais la fondation Boris Lehman) / *Coprodução:* Ministère de la communauté française de Belgique, ARTE Belgique (Carine Bratzlavsky), RTBF radio télévision belge (Carré Noir/Christiane Philippe), Wallonie Image Production (Christine Pireaux) et Amidon Paterson Film (Pierre- André Thiébaud), Lapsus Film (Esther Hoffenberg) / *Participações:* Boris Lehman, Meriam Kerkour, Carine Bratzlavsky, Maggy Collard, Patrick Leboutte, Marcel Piqueray, Lyland Doyen, Catherine Montondo, Julie Huguët, Claire Destrée, Ettel Weingarten, Mireio Moreau, Geneviève Ryelandt, Laurent d'Ursel, Hélène Papot, Yaël André, Mirèze Aerts, Renelde Liégeois, Jacques Sephia, Jean Lemoine, Patricia Lemoine, Ben, Sarah Moon, Evgen Bavcar, Nadine Wandel, Richard Kenigsman, Véronique Danneels, Corinne Czygler, Roselyne Hermal, Michel Van der Vennet, Hugo Van der Vennet, Jean-Jacques Andrien, Marie-Claude Bénard, Gérard Eber, Jan Vromann, Inbal Yalon, Elisabeth Riollet, os irmãos Lehman / *Cópia:* DCP, a cores, falado em francês, com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 201 minutos / *Estreia Mundial:* 2001, Bélgica / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

Com a presença de Boris Lehman e Amarante Abramovici

A fotografia é alvo de carícias e sevícias, objeto de culto e de trocas, “caixa de pandora” sentimental e (a)mnésica, mas acima de tudo é um “faz-tudo” nas mãos de Boris Lehman, artefacto para ser usado, mostrado, contado, vestido, queimado, beijado, lambido e mastigado. O algo excêntrico *filmeur* recorre ao seu arquivo pessoal, organizado de maneira intempestiva, para revisitar a sua história de vida, o que é o mesmo que dizer: revisitar uma vida feita na companhia de amigos, cúmplices e desconhecidos. Haverá poucos realizadores em que o cinema se mistura tão intensamente com a vida – o outro mais evidente é um desses vários amigos artistas que constam do “catálogo de referências” de Lehman, Jonas Mekas. Para mais, Lehman é um genuíno nómada: nascido na Suíça, estabelecido na Bélgica, com ascendência ucraniana, acima de tudo, “o pequeno Boris”, como gostava de o tratar Agnès Varda, é um *performer* ambulante levando as suas imagens (diz-se que na sua filmografia não oficial se contam centenas de obras prontas a exhibir) aos quatro cantos do mundo. Viajar através das imagens para, enfim, produzir mais imagens e, deste modo, alimentar o seu

cinema ou, para usar palavras do próprio, o seu “infinito” filme (do) íntimo ou, para voltarmos ao centro deste argumento circular, a sua vida, enfim.

“É a minha condição primordial. Mover-me, não permanecer no mesmo local, imóvel”, disse na entrevista que me concedeu para o *website À pala de Walsh*. Viver, viajar e filmar parecem ser as palavras de ordem não só aqui, neste **Histoire de ma vie racontée par mes photographies** (1994-2001), como sensivelmente desde **À la recherche du lieu de ma naissance** (1990) ou, mais ainda, desde **Babel - lettre à mes amis restés en Belgique** (1991), o início – referido neste filme – de um grande projeto de retrato ou autorrepresentação do qual faz parte este **Histoire de ma vie...** Como a dado momento é aludido num dos encontros em torno de fotografias, o cinema de Lehman constrói-se à maneira de Matrioscas, com um filme contendo a semente para o filme seguinte, mas também é verdade que, ao misturar a vida com o seu projeto artístico, forçosamente nada se separa, ou melhor, tudo se encadeia entre si.

O denominador comum, persistente e, por vezes, massacrante, é a própria presença de Lehman, produtora de um cinema do eu elevado à última potência; de um auto-centramento algo fetichista e obsessivo que não passa apenas por dizer “eu sou”, pois, fruto dessa dimensão performática, este auto-retratista consumido pelo seu mundo gosta de se mostrar, de frente para a câmara, seja a fotográfica, seja a cinematográfica, e, a espaços, de corpo despido. Além dessa nota repetitiva (gerida com pouca parcimónia dada a duração deste, como de outros filmes seus, quase sempre a ultrapassar as três horas), há em **Histoire de ma vie...** o elemento fotográfico, mas rapidamente este se torna em mero adorno ou pretexto para reencontros vários, em que, face a fotografias (des)organizadas em pilhas mais ou menos improvisadas ou em álbuns montados de maneira muito livre, pergunta: “Vês? Lembras-te?” E a partir da mundana questão, os seus interlocutores falam um pouco das suas vidas ou dos seus múltiplos encontros.

O império da imagem, aqui mostrado e dado a partilhar, é, no fundo, um mote para a descoberta ou redescoberta desta pessoa no mundo, que é tanto seu como deles, os amigos. Uma pessoa em busca do contacto com o outro? Como o próprio “esclareceu” na citada entrevista: “A fotografia, antes do cinema, é isso: a busca do contacto. É também fotografar o momento que desaparece, o presente que se esfuma”. Disse ainda: “o ‘eu’ está sempre ligado aos outros e nunca nos conseguimos ver.” Mesmo que o centro deste mundo tenha um rosto e um corpo chamado Boris Lehman, não deixaremos, assim, de conseguir entrever o lugar do outro nas mais de 3 horas deste filme autobiográfico *relativamente coeso*, apesar ou por causa do caos de base.

Luís Mendonça